



## NOTICIAS INTERNACIONALES

BRASIL.....	2
Precios se mantienen firmes por la escasez de la oferta. Pese a ello, no existe un diferencial de valores que estimula la preparación de novillos para la UE .....	2
Reducción en el número de animales en feedlots como consecuencia del alto precio de los animales livianos.....	2
Demoran nuevamente la fecha de reapertura del mercado estadounidense. El Ministro de Agricultura manifestó que recién será en septiembre. ....	3
Presidente Lula convocó al Ministro de Agricultura y al de Industria y Comercio para discutir acciones tendientes a revertir la caída de las exportaciones de carnes brasileñas hacia la Unión Europea .....	3
Rusia podría imponer sanciones sanitaria sobre las exportaciones de carnes brasileñas. Anticipó esta posibilidad en un comunicado del servicio sanitario ruso ante la demora en definir la fecha de una auditoría a plantas. ....	4
Aftosa: Especialistas expresaron su desacuerdo ante la posibilidad de dejar de vacunar contra la aftosa en Mato Grosso .....	4
Estudio sostiene que la presión para incrementar la producción de carnes bovinas tuvo un impacto negativo sobre el Amazonas y propone encarar otras actividades que restituyan el ecosistema .....	4
Feedlot: alternativa o tendencia? .....	5
Abiec: Roberto Giannetti da Fonseca abandonó la presidencia de la entidad .....	6
URUGUAY.....	6
Bajó más el precio del ganado para faena. Sigue escaseando la oferta y las entradas a planta son dispares .....	6
El librito pasó a ser un problema para la industria. Tras el cierre de Hong Kong no surgió ningún otro mercado.....	7
Faltan identificar unos 2,5: de bovinos que son adultos MGAP hará jornadas con los productores .....	7
Uruguay es el mayor consumidor de carne bovina., según datos del INAC, cada habitante consume 58,2 kilos.....	8
La suba de la carne es menor que el aumento en índice medio de salarios. Subsidiar cortes en abasto está bien, pero con dinero del gobierno .....	8
Vender en pie a Brasil no resulta atractivo.....	10
UE muestra un leve repunte de los precios. Importadores tienen interés en comprar, pero falta mercadería .....	10
Preparan auditoría cárnica de Chile Técnicos llegarían este mes para renovar permisos.....	10
PARAGUAY.....	11
Importante crecimiento de las exportaciones de carnes bovinas: alcanzaron 100 mil toneladas por 395 millones de dólares, 18 y 50 por ciento más que entre enero – julio de 2009.....	11
Campaña antiaftosa llega al 50%, informa el Senacsa. Segundo período de vacunación se desarrolla normalmente.....	11
Paraguay figura entre países más carnívoros: 32 kg/ capita .....	11
ESTADOS UNIDOS .....	12
El USDA disminuye pronóstico de producción de carne bovina pero incrementó sus estimaciones para exportaciones e importaciones.....	12
Ganaderos australianos denuncian que ingresan carnes bovinas desde los Estados Unidos pese a estar prohibidas por la BSE .....	12
Vacas en miniatura ganan terreno , Estos animales generan menos gas metano que uno tradicional, producen gran cantidad de carne y de muy buena calidad.....	13
VARIOS.....	13
NUEVA ZELANDIA: sus exportaciones de carnes bovinas aumentaron un 2 por ciento en comparación a julio del año pasado. Estados Unidos sigue siendo el principal mercado y también se aprecia una mayor demanda desde los destinos asiáticos.....	13
AFTOSA. confirman un foco en SUDÁFRICA.....	14
AUSTRALIA: las restricciones a la importación impuestas por las autoridades indonesias han tenido escaso impacto .....	14
NICARAGUA consigue una cuota de exportación de 10 mil toneladas de carne de vacuno hacia RUSIA a través de un acuerdo privado .....	14



CUBA una mejora en los precios y menores trabas burocráticas han provocado un incremento en la producción de carnes bovinas .....	14
INDIA Pronóstico prevé un aumento en la producción de carnes bovinas y aves en los años 2013-14.....	15
EMPRESAS DEL EXTERIOR .....	15
Marfrig: ganancias se reducen en el segundo trimestre de 2010. Aumenta la faena del grupo.....	15
JBS informa y comenta sus resultados en el 2º trimestre de 2010. Recalcan un importante crecimiento en los Estados Unidos .....	16
JBS reduce la plantilla en sus plantas paulistas.....	17
JBS podría vender su participación en Inalca .....	17
Minerva informó pérdidas por e R\$ 17,5 millones en el 2º trimestre de 2010.....	18
BRF espera un aumento de la demanda rusa de carnes.....	18

## BRASIL

### **Precios se mantienen firmes por la escasez de la oferta. Pese a ello, no existe un diferencial de valores que estimula la preparación de novillos para la UE**

FAEG - Federação da Agricultura do Estado de Goiás 19/08/10 A média do preço à vista para o boi gordo gira em torno de R\$ 80,35 por arroba; incremento de R\$ 0,40 comparado com a média da semana que encerrou.

A falta de animais está dando condições a este movimento de recuperação dos preços, porém os produtores enfrentarão, do outro lado, as estratégias adotadas pelos frigoríficos como exemplo, as férias coletivas.

Mesmo com esta escassez de animais disponíveis, os valores ofertados pelos animais rastreados não está caindo ao agrado dos produtores, que estão na lista Tracer. Este fato da indústria não pagar um valor diferenciado por estes animais já gerou um movimento para alteração na legislação do SISBOV.

As entidades representativas dos produtores já solicitaram, em caráter de urgência ao MAPA, alternativa legal para dar aos pecuaristas a opção por vender os animais como não rastreados, dependendo da situação comercial.

Este fato é intrigante pois pode prejudicar o SISBOV, como um todo, desestimulando aqueles que querem persistir, mas que a cada ano se percebem desmotivados a manter esta estrutura de controles e exigências que requer este sistema.

Os preços futuros seguem com variações positivas em todos os meses. A cotação de outubro/10 foi a maior do ano, atingindo os R\$ 90,15/@. O mercado futuro é uma ferramenta interessante para obter ganhos na comercialização do boi e deve ser estimulada. O Boi na Bolsa (mercado físico) também se torna um meio muito democrático de pulverizar as vendas e sair da concentração atual, além de estabelecer formalidades e garantias no negócio realizado.

### **Reducción en el número de animales en feedlots como consecuencia del alto precio de los animales livianos**

Globo Rural 20/08/10 Criadores de gado diminuíram, este ano, o número de animais nos confinamentos. A alta do preço do boi magro motivou a decisão.

O criador Cláudio Consonni é pecuarista em Patos de Minas, na região do Alto Paranaíba. No início de junho ele se planejou para mandar animais para o confinamento. Cauteloso por conta do que aconteceu no ano passado, quando perdeu dinheiro com o confinamento, ele preferiu segurar os investimentos e confinar menos animais este ano. Até agora, só mandou 250 bois. Foi feita uma redução de 50%.

“A reposição está muito cara. O custo de alimentação abaixou um pouco em decorrência das commodities milho e soja, mas ainda tem o preço de sal, ureia, combustível e mão de obra. A diária do boi abaixou um pouco em relação ao que abaixo soja e milho. Continua um pouco alto”, justificou Consonni.

Essa diminuição na quantidade de bois confinados que o pecuarista fez segue uma tendência nacional. Em julho, o número de bois confinados no Brasil caiu 9% em relação ao mesmo período do ano passado, segundo a Associação Nacional dos Confinadores. O preço do gado de reposição é o principal motivo da redução. De um ano para cá o boi magro teve uma valorização de 8% em Minas Gerais.

O frigorífico em Araguari tem confinamento próprio. Até agora, teve uma queda no número de animais confinados de 58 mil para 55 mil. Essa redução também é reflexo do ano passado.

“Nós tivemos no ano passado, no primeiro semestre, um boi magro caro e ração muito cara. E no segundo semestre um preço de arroba baixo. Então, o produtor não procurou os confinamentos e não colocou no



primeiro turno do confinamento a quantidade de bois desejada para 2010", explicou Hércio de Souza, diretor do frigorífico.

Como o preço do boi gordo está subindo, quem planeja mandar novo lote para o confinamento está com outro ânimo para investir. "O cenário está mudando muito a partir de julho. Há uma tendência de arroba mais alta a partir de agosto, sinalizando preços bem melhores. Então, tem uma procura grande para parcerias e uma maior oferta de boi magro para confinamento", completou Souza.

### **Demoran nuevamente la fecha de reapertura del mercado estadounidense. El Ministro de Agricultura manifestó que recién será en septiembre.**

Agência Estado 16/08/10 O ministro da Agricultura, Wagner Rossi, informou nesta quarta-feira (11/08) que a retomada da exportação de carne bovina para os Estados Unidos será feita no início de setembro. Inicialmente, a projeção de volta das vendas era para o final de julho e, depois, para agosto. Segundo Rossi, a expectativa era mais otimista porque a suspensão da comercialização foi uma iniciativa do governo brasileiro, no entanto, os americanos quiseram ter conhecimento dos exames laboratoriais feitos nos produtos.

Rossi explicou que o prazo final para a comprovação da eficiência do plano de trabalho está próximo. O plano foi elaborado pelo governo em conjunto com os frigoríficos e exames estão sendo realizados para comprovar que a carne terá o nível de vermífugo aceito pelos americanos.

O ministro da Agricultura relatou, ainda, que teve uma reunião com representantes da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec) e da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) na manhã desta quarta-feira. De acordo ele, a Abiec está preocupada com a situação financeira dos pequenos e médios frigoríficos e pediu a formulação de uma política específica do governo para o setor.

A mesma solicitação foi feita ao ministro do Desenvolvimento, Miguel Jorge, e ao ministro da Fazenda, Guido Mantega. "Claro que queremos dar um apoio a estes industriais da carne que têm sofrido um pouco com dificuldades momentâneas financeiras", disse Rossi. "Estamos analisando um pouco mais estruturalmente a situação dos pequenos e médios", afirmou.

Ele disse que aguardará um demonstrativo do setor - com dados da situação das empresas e do volume de empregos - solicitado por Mantega. Com isso, a "lição de casa" estaria com os frigoríficos. A expectativa é a de que, até o final da semana, os números sejam apresentados ao governo.

O embargo à carne bovina brasileira já dura mais de dois meses. O produto teve exportação suspensa para os Estados Unidos devido à existência de vermífugo acima dos padrões norte-americanos.

### **Presidente Lula convocó al Ministro de Agricultura y al de Industria y Comercio para discutir acciones tendientes a revertir la caída de las exportaciones de carnes brasileñas hacia la Unión Europea**

19/08/2010] Preocupado com as barreiras impostas à carne brasileira pela União Europeia, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva convocou os ministros da Agricultura, Wagner Rossi, e do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, Miguel Jorge, para discutir o assunto e encontrar formas de reverter a situação. Segundo o ministro Wagner Rossi, o presidente Lula quer que "o Brasil mantenha o protagonismo na exportação de carne, buscando novos mercados e sendo mais criativo". Além dos problemas na Europa, os exportadores brasileiros também enfrentam restrições na Rússia e Estados Unidos.

"Temos o melhor e mais verde de todos os bois. A qualidade de vida dos nossos animais é excelente", declarou o ministro Rossi, alegando que estamos enfrentando problemas com os nossos concorrentes que, "naturalmente, não falam bem dos seus concorrentes". Em seguida, o ministro citou como exemplo os irlandeses, que têm feito oposição ao ingresso na Europa da carne brasileira. Ele se referia ao fato de que os produtores de carne europeus, notadamente os da Irlanda, estão pressionando grandemente para que o mercado seja fechado ao produto brasileiro, que, de acordo com o governo brasileiro, além da qualidade, apresenta excelentes preços em comparação com os produtores de lá. Como os europeus não podem impor tarifas de importação, por violar acordos da Organização Mundial do Comércio (OMC), buscam, então, fechar as portas através de barreiras sanitárias.

"Temos a tradicional oposição dos irlandeses e de alguns produtores de carnes europeus, mas, de forma geral, isso está sendo tratado de maneira a se mostrar que o Brasil tem o melhor e o mais verde de todos os bois", argumentou Rossi.

"O presidente nos orientou para que estudássemos juntos, os ministérios da Agricultura, de Desenvolvimento e o Itamaraty, para incrementar essa atividade que já é tão significativa para as exportações brasileiras",



acrescentou Rossi. Apesar da determinação, Rossi não deu detalhes de ações para buscar a recuperação do mercado.

As informações são da Agência Brasil, Agência Estado e Correio do Povo, resumidas e adaptadas pela Equipe BeefPoint.

### **Rusia podría imponer sanciones sanitaria sobre las exportaciones de carnes brasileñas. Anticipó esta posibilidad en un comunicado del servicio sanitario ruso ante la demora en definir la fecha de una auditoría a plantas.**

TheCattleSite News Desk August 19, 2010 Russia's Federal Service for Veterinary and Phytosanitary Surveillance, Rosselkhozadzor, may impose restrictions on meat imports from Brazil if its veterinary service fails to inspect as soon as possible Brazilian plants supplying meat and poultry to Russia, the watchdog said in a statement yesterday (18 August).

RIA Novosti reports that Rosselkhozadzor says it has already sent a second necessary official notification to the Brazilian government.

In October 2009, the National Veterinary Service of Brazil guaranteed that all the veterinary and sanitary requirements of the Russian legislation would be fully met during the export of animal products to Russia.

A statement from Rosselkhozadzor read: 'Rosselkhozadzor expresses deep concern over the absence of a response to the previous letter concerning the coordination of the inspection terms sent to the Veterinary Service of Brazil at the beginning of June this year.'

Before inspections at Brazilian plants are launched, Rosselkhozadzor has tightened the monitoring of meat products from Brazil to the Russian market, it said.

### **Aftosa: Especialistas expresaron su desacuerdo ante la posibilidad de dejar de vacunar contra la aftosa en Mato Grosso**

Fonte: INDEA 17/08/10 Segundo o Indea, Instituto de Defesa Agropecuária e a Acrimat, Associação dos Criadores de Mato Grosso, o status de livre da febre aftosa sem vacinação traria mais desvantagens que vantagens para o Estado neste momento. A própria Famato, Federação da Agricultura e Pecuária do Estado, embora defenda a ideia, admite que isso só vai ser possível com a garantia, pelos governos federal e estadual, de que as vacinações na faixa de fronteira com a Bolívia sejam mantidas e intensificadas.

Segundo Daniella Almeida Bueno, médica veterinária da Coordenadoria de controle de doenças dos Animais do Indea, Mato Grosso ainda não tem a segurança necessária para abolir a vacinação contra aftosa. "A não ser que se consiga fechar toda a fronteira com a Bolívia". Além disso, conforme explicou, não vale a pena o estado pedir esse status livre sem vacinação isoladamente dos demais estados da região Centro-Oeste.

Luciano Vacari, superintendente da Acrimat, diz que o status de livre de febre aftosa sem vacinação deve estar baseado em critérios técnicos, com o aval do Departamento de Saúde Animal da Agricultura. "Vai ter que ter um trabalho diferenciado na fronteira para impedir a movimentação de vírus, e certamente não será o produtor que terá que ir à fronteira fazer a fiscalização, pois esta é uma tarefa dos governos federal e estadual".

Os perigos da reintrodução da aftosa precisam ser considerados, conforme também assinala Antonio Carlos Carvalho de Sousa, conselheiro do Fesa, Fundo Emergencial de Saúde Animal do Estado de Mato Grosso. "Porque Mato Grosso é um estado central com vários vizinhos, inclusive a Bolívia, que está passando por problemas internos, colocando em risco os trabalhos sanitários na faixa de fronteira, feitos pela iniciativa privada.

### **Estudio sostiene que la presión para incrementar la producción de carnes bovinas tuvo un impacto negativo sobre el Amazonas y propone encarar otras actividades que restituyan el ecosistema**

Fonte: D24AM.com 17/08/10 O consumo mundial de carne bovina tem aumentado exponencialmente, levando o Brasil a produzir cada vez mais, para suportar tanto a demanda do mercado nacional quanto internacional. De acordo com pesquisa publicada recentemente na revista Nature, na última década, o país quadruplicou as exportações de carne bovina. A pressão contribuiu para que a pecuária assumisse um papel central principalmente na economia da Amazônia, com impactos ambientais negativos.

Uma pesquisa realizada por pesquisadores da Faculdade de Saúde Pública (FSP) da Universidade de São Paulo (USP) no município de Xapuri, Acre, concluiu que, em determinadas regiões, produtos alternativos



poderiam atrair produtores e com isso reduzir a pastagem, diminuindo os danos à floresta. Para isso, seriam necessárias políticas públicas mais eficientes. Enquanto não vêm, as pastagens seguem ganhando terreno, segundo o estudo.

Coordenada pela professora Helena Ribeiro, do Departamento de Saúde Ambiental da FSP-USP, a pesquisa teve o objetivo de avaliar as motivações da crescente pecuarização em território acreano. Para isso, relacionou dados sobre desnutrição, consumo de carne bovina e desmatamento para criação de pastagens. Segundo a pesquisadora, cerca de 40% do abate bovino no Brasil – maior exportador mundial de carne – é proveniente da região amazônica.

“Nosso objetivo foi compreender a dinâmica da produção de gado na região. O consumo de carne vem crescendo aceleradamente no Brasil e no mundo e está associado ao aumento de doenças como obesidade e câncer colorretal”, disse Helena à Agência Fapesp. Além do consumo, ela explicou que o estudo se baseou em informações sobre desnutrição e produção de alimentos no mundo do Escritório Regional da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO).

O consumo de carne bovina também preocupa pelo lado ambientalista: a pecuária é apontada como um importante fator de desmatamento na Amazônia. Segundo Helena, em paralelo à pesquisa sobre dados indiretos, foi realizado um amplo trabalho de campo na reserva extrativista Chico Mendes, na região de Xapuri. O estudo comprovou que mesmo nessas áreas, criadas para a exploração de recursos naturais das florestas, o avanço da criação de gado é visível.

“O trabalho de campo permitiu compreender essa dinâmica”, disse a pesquisadora. O problema é que o crescente consumo gera um mercado cada vez mais robusto e impulsiona o valor da mercadoria. “No entanto, como alternativa alimentar, o consumo de carne é altamente ineficiente, aponta Helena. “Um hectare de terra utilizada para a pecuária produz 34 quilos de carne. Na mesma área é possível produzir 6.500 quilos de milho, ou 3.800 quilos de feijão”, acrescentou.

Por esses números, a pesquisadora defende que uma região de pastagens poderia alimentar uma parcela maior da população, “sem necessidade de desmatamento e ocupação de novas terras. Além disso, a dieta baseada em cereais diminuiria os impactos na saúde”, afirmou. O desafio, segundo ela, é criar alternativas econômicas à pecuária ao se falar em coibir o desmatamento da Amazônia.

A região de Xapuri também produz castanha-do-brasil. De acordo com a pesquisadora, apesar de a atividade ter atraído muitos produtores no início, não foram estabelecidas políticas públicas para criar um mercado. “Assim, o aumento da oferta derrubou o preço da castanha e a cooperativa que existia na região acabou fechando. Os produtores também foram atraídos pela atividade pecuária”, explicou.

Para os pequenos produtores, a criação de gado representa uma reserva de valor. “Cada vez que juntam um pouco de dinheiro, eles compram uma cabeça de gado. Quando há necessidade, eles vendem essa reserva. O plano da reserva extrativista permite que se tenha até 30 cabeças de gado por colocação. Mas vimos colocações com até 600 cabeças. Aos poucos, essa atividade vai avançando sobre a floresta”, disse Helena.

Para ela, as políticas públicas para valorização dos produtos amazônicos, que poderiam reverter esse quadro, são incipientes. “Um dos aspectos apurados pela pesquisa é a facilidade encontrada pelo pequeno produtor para escoar a produção de carne. Os frigoríficos buscam a mercadoria quando eles querem vender. No caso da castanha, da madeira e da borracha, ao contrário, é preciso se deslocar até a cidade para vender os produtos”.

A pesquisadora explica que o mundo produz mais calorias que o necessário para alimentar todos os habitantes do planeta, de acordo com dados da FAO. Ainda assim, pelo menos 850 milhões de pessoas sofrem com a fome. “Mesmo na Amazônia, a maior parte da carne produzida não é utilizada para alimentar a população local, mas enviada ao Sudeste ou exportada”, disse. A pesquisa, que teve apoio da FAPESP na modalidade Auxílio à Pesquisa.

### **Feedlot: alternativa o tendencia?**

Fonte: Folha de Londrina 17/08/10 A porcentagem de bovinos criados em confinamento ainda é bem pequena no País. Se limita a apenas 5% do volume de gado produzido por ano, atualmente em 40 milhões de cabeça. O processo encarece um pouco a atividade, destaca especialistas, exige trabalho diferenciado dentro da porteira, mas pode ser no futuro a saída para a demanda mundial de carne, que vem crescendo ano após ano. É no que apostam empresas e produtores do setor.

Neste momento em que a discussão sobre a necessidade de se produzir mais alimentos para atender a demanda mundial futura, aliada à preservação ambiental, está tão aflorada, ressaltam que o confinamento será um dos caminhos, já que é possível produzir mais, em menos tempo e com a mesma área.



Produtor e especialista no assunto, Dante Pazzanese, professor da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (Esalq/USP), cita que nos países desenvolvidos o consumo de carne era de 74 quilos per capita, em 1983, e subiu para 76 em 1993. Já nos países em desenvolvimento, a média por pessoa era de 14 quilos e passou para 21, respectivamente. "Foi um aumento considerável. À medida que a renda per capita aumenta, o consumo de carne e seus derivados também aumenta", avalia Pazzanese.

Em 35 anos, estima-se que o consumo de carne dobrará no mundo. Atualmente, segundo dados da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) são produzidas entre 220 milhões e 230 milhões de toneladas por ano. "Até 2050, vamos ter que dobrar a produção de carne para atender a demanda do mundo. Como se faz isso? Derrubando a Amazônia?", questiona o professor, ressaltando que 70% dessa demanda será suprida a partir de tecnologias de produção.

A pecuária intensiva, então, aparece no horizonte como uma possibilidade para se produzir mais carne, de forma mais rápida. "O processo é positivo porque diminui o ciclo, é possível diversificar a produção e ainda aumentar o lucro para o produtor", destaca Hyberville Neto, médico veterinário e consultor da Scot Consultoria, de Bebedouro (SP).

No confinamento, segundo Pazzanese, o animal ganha peso mais rápido e o acabamento fica mais homogêneo. No processo intensivo, usa-se mais tecnologia, a alimentação é à base de grãos e aditivos. Quando o gado, no Brasil, vai para o confinamento - já com cerca de dois anos - fica de 80 a 90 dias e engorda 1,5 quilo por dia. Em comparação, no pasto fica perto de 1 ano e engorda diariamente em torno de 400 gramas.

Um dos empecilhos para se aumentar a porcentagem de gado criado de forma intensiva no País, contudo, é que o processo fica mais caro. Segundo o produtor, o confinamento se torna menos competitivo em relação à pecuária extensiva, considerada bem mais barata. Levantamento feito pela Esalq e a Associação Nacional dos Confinadores (Assocon) aponta que um boi custa R\$ 4 por dia no confinamento, já no pasto R\$ 10 por mês.

"Aqui nossa produção a pasto é bem mais barata e o Brasil tem área grande e que ainda pode ser ocupada sem desmatamento. É uma "competição" difícil", destaca Pazzanese. O problema, segundo ele, é que a pecuária extensiva, às vezes, acontece de forma desregrada no País, o que tem provocado a polêmica de que os pecuaristas são um dos grandes agressores do meio ambiente.

### **Abiec: Roberto Giannetti da Fonseca abandonó la presidencia de la entidad**

18/08/2010] Após um mandato de dois anos, Roberto Giannetti da Fonseca deixa a presidência da Associação Brasileira da Indústria Exportadora de Carne (Abiec).

Otávio Cançado, atual diretor-executivo da entidade, vai ocupar o posto interinamente, informou a assessoria da Abiec.

Giannetti é diretor do Departamento de Relações Internacionais e Comércio Exterior da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp).

As informações são do Valor Econômico, resumidas e adaptadas pela Equipe BeefPoint.

## **URUGUAY**

### **Bajó más el precio del ganado para faena. Sigue escaseando la oferta y las entradas a planta son dispares**

Observa 18/08/10 El precio del ganado gordo volvió a bajar esta semana, en el marco de un mercado con faena sostenida, con escasa oferta y con entradas a los frigoríficos bastante dispares.

La Asociación de Consignatarios de Ganado informó que el novillo gordo pasó a cotizar a US\$ 3,14 por kilo de carne, cuando la semana anterior valía US\$ 3,17.

En el caso de las vacas gordas tuvo una caída de dos centavos, pasando a valer US\$ 2,94 cuando la semana anterior cotizaba a US\$ 2,96 y la vaquillona gorda US\$ 3,05 (se pagaba US\$ 3,08). Los toros y novillos de manufactura quedaron igual en la pizarra de los consignatarios y cotizan a US\$ 2,10 por kilo; las vacas de manufactura a US\$ 1,84 y la conserva a US\$ 1,60 (en todos los casos por kilo de carne).



## **El librillo pasó a ser un problema para la industria. Tras el cierre de Hong Kong no surgió ningún otro mercado**

El País Digital 14/08/10 El cierre temporario del Puerto de Hong Kong, aplicado por China hace semanas para el ingreso de menudencias, está provocándole complicaciones a los frigoríficos uruguayos y el librillo - uno de los componentes del estómago del bovino- se convirtió en un producto problema, porque ya no tiene mercado.

El tradicional mercado siempre fue China, Corea y Japón y como estos dos últimos destinos no están habilitados para Uruguay y menos para menudencias, no hay quien los compre al perderse Hong Kong.

Por más que caiga el volumen de animales faenados, se producen arriba de 30.000 librillos por semana -uno por vacuno faenado-, es una menudencia que debe ser procesada dentro de la industria, empaquetada y congelada, sin saber si en el futuro se podrá vender; el recuperarla tiene un elevado costo para las empresas.

"Cuando se puede vender a algún precio el librillo sigue siendo un producto, pero cuando no se sabe si se venderá, ya es un problema. Este producto hay que procesarlo, embalarlo, congelarlo y eso tiene un costo muy alto", advirtió a El País Daniel Belerati, secretario ejecutivo de la Cámara de la Industria Frigorífica (CIF).

Todos los frigoríficos uruguayos exportadores están habilitados para ingresar con menudencias al mercado chino, pero vía Hong Kong, y las autoridades chinas decidieron cerrar el mercado a todos los abastecedores, para poder controlar mejor las mercaderías que ingresan.

China es el principal mercado para los productos del estómago bovino y el principal importador de menudencias y recuperos de la industria cárnica.

En el caso del mondongo, Belerati explicó que se va colocando en otros mercados como la Unión Europea o Perú, aunque a inferiores precios que en China, pero no hay demanda para librillos tras el cierre de Hong Kong. A diferencia del mondongo, el librillo no tiene mercado interno, a pesar de ser una delicatessen, explicó el jerarca de la CIF.

Mientras tanto, desde esferas oficiales continúan las gestiones sanitarias para lograr la habilitación de menudencias vía continente. Uruguay ya envió una propuesta a las autoridades sanitarias de China para poder cumplir con las nuevas exigencias y principalmente con el pedido adicional de ampliar la información de las mercaderías enviadas.

La propuesta se basa en enviarles la información adicional que piden cada 15 días, como se hace en el caso del mercado ruso donde este requisito también existe.

Por su parte, la cadena cárnica se mantiene expectante ante la negociación, pero los frigoríficos dicen sentir el cimbronazo del cierre de Hong Kong desde hace semanas.

## **Faltan identificar unos 2,5: de bovinos que son adultos MGAP hará jornadas con los productores**

El País Digital 18/08/10. Quedan por identificar antes de junio de 2011 unos 2,5 millones de bovinos, que en su mayoría son vacas adultas. Se utilizarán los mismos identificadores que para los terneros, pero con otro rango numérico. El MGAP lanzará más capacitación.

Con la presencia del propio titular de la Secretaría de Estado, Tabaré Aguerre, el Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca comenzó una nueva etapa de capacitación y educación de los operadores que trabajan asesorando a los productores acerca de la trazabilidad obligatoria bovina.

Según la ley vigente, al 30 de junio de 2011 todo el rodeo bovino uruguayo debe contar con trazabilidad, lo que permitirá trazar la historia de vida del animal desde que nace, hasta que su corte de carne está servido en el plato del consumidor (del campo al plato).

En esta nueva etapa del Sistema de Identificación y Registro Animal (SIRA), mediante el cual se recaba y guarda la información generada en torno a la trazabilidad obligatoria de los vacunos -comenzó en septiembre de 2006 con los terneros nacidos cada año-, el MGAP realizará varias reuniones con los productores y operadores, informándolos y asesorándolos, para evitar errores que lleven a perder animales que están inscriptos y trazados.

"Faltan identificar unos 2,5 millones de bovinos, que principalmente son vacas adultas", aseguró Francisco Muzio, director general de los Servicios Ganaderos del MGAP. Esos animales serán identificados en esta nueva etapa para cumplir la meta establecida por la ley. En paralelo, el SIRA ya tiene registrados unos 8,5 millones de cabezas sobre un stock de alrededor de 13 millones de bovinos, pero vacunos con trazabilidad completa serían unos 7,8 millones de cabezas.



"La semana que viene ya estará haciéndose la entrega de las caravanas y se decidió que no habrá un modelo diferenciado, sino que serán los mismos identificadores para los adultos y para los terneros", explicó el jerarca.

De todos modos, el registro deberá hacerse por formularios separados, ya que el bovino adulto no lleva fecha de nacimiento como el ternero.

En el MGAP, más allá de las fallas en el sistema del SIRA, todas corregibles, se evaluó la primera etapa que comenzó en septiembre de 2006 hasta ahora como "muy positiva".

El ministro Aguerre sostuvo que "la ganadería uruguaya se diferencia por los procesos de producción que pueden ser certificables de forma electrónica, además de producir carne natural sobre 13 millones de hectáreas. Eso no sé si es más o menos que salir cuartos en un mundial".

El ministro recordó que el porcentaje de animales que perdió la trazabilidad por diferentes errores, como por llenar mal los formularios con la información requerida por el MGAP, fue de 6% o 7%, por lo que "deberíamos mejorar esa meta". Aguerre exhortó a los uruguayos a no ver el vaso medio vacío: "Tenemos el único sistema de trazabilidad individual bovina del mundo y estamos camino a completar el 100% de la identificación. Eso no es poco".

En la Feria Alimentaria de Shanghai, Uruguay mostró las ventajas de la trazabilidad al informar a los consumidores que un vacuno nació en una determinada sección judicial de un departamento, luego pasó a otro predio donde fue criado, se sacrificó en un determinado frigorífico, su carne fue exportada en el contenedor con tal número y el churrasco que tenía en su plato estaba en una determinada caja. La identificación electrónica en Uruguay nació en 2001, como herramienta para no perder la cuota Hilton, frente a la emergencia causada por la aftosa.

### **Uruguay es el mayor consumidor de carne bovina., según datos del INAC, cada habitante consume 58,2 kilos**

El País Digital 16/08/10 Uruguay superó a la Argentina y se posicionó como el país con el mayor consumo de carne bovina por habitante al año: 58,2 kilos, según los datos estadísticos del Instituto Nacional de Carnes (INAC).

Tradicionalmente los argentinos eran los principales consumidores de carne bovina del mundo, con una ingesta por habitante de 68 kilos/año, pero la Cámara de la Industria y Comercio de Carne de la República Argentina, en su última medición, bajó el guarismo a 56,7 kilos. La caída se debió a la escasez de ganado que provocó un faltante de carne en el mercado interno y a una suba de los valores del producto que desestimuló el consumo.

Según publicó el diario Clarín, entre 2002 y 2007, los stocks ganaderos de Argentina se habían acomodado bastante, pero a partir de ahí los productores comenzaron con la liquidación, apurados por la expansión de la agricultura y por las retenciones móviles. Pero el mayor golpe al stock ganadero argentino se registró en 2008 y 2009 con la sequía. Hoy Uruguay es un fuerte exportador de asados bovinos hacia ese destino, con un incremento fuerte de los negocios durante el primer semestre del año.

Según los datos estadísticos del INAC, hasta el pasado 7 de agosto se colocaron 1.059 toneladas peso canal, cuando a igual fecha del año anterior, los frigoríficos uruguayos habían vendido 641 toneladas.

El grueso de lo que se coloca en Argentina -que anteriormente estuvo entre los mayores productores de carne bovina del mundo- es asado vacuno que se destina al consumo interno. Si bien es un tradicional comprador de este corte, la demanda se acentuó recientemente debido a la caída de la producción interna; la baja fue tan abrupta que ni siquiera llegó a cumplir su cuota Hilton con la Unión Europea.

El tercer mayor consumidor de carne bovina del mundo pasó a ser Estados Unidos, con una ingesta de 43 kilos por habitante al año, seguido de Australia con 39 kilos, Brasil con 36, Canadá con 33, Paraguay con 32, Nueva Zelanda 26, México 23, Israel 22, Chile 21 y la Unión Europea con 19 kilos, según publicó ayer Clarín.

### **La suba de la carne es menor que el aumento en índice medio de salarios. Subsidiar cortes en abasto está bien, pero con dinero del gobierno**

El País Digital 15/08/10 La férrea defensa de la exportación de ganado en pie, el apoyo a la actual política cárnica y el pedido de no culpar a la cadena de la carne por la suba de precios en el abasto, fueron puntos fuertes del discurso del titular de la ARU, Manuel Lussich.

Pidiendo disculpas por abordar un tema recurrente en los últimos años, el presidente de la Asociación Rural del Uruguay, Manuel Lussich, aseguró que "no hay ningún motivo de alarma si el precio del novillo gordo sube en el invierno" y por ende "suben razonablemente los precios de la carne en el abasto". El ruralista recordó



que "los números dicen que la suba de la carne en el último año es menor que el aumento en el índice medio de salarios".

Por eso, pidió que no se le eche la culpa a la cadena de la carne de algo que no es responsable y le dijo al gobierno que "si se quiere subsidiar algún corte de carne para algún sector de la población bien", pero advirtió que "los recursos deberían salir de Rentas Generales, de los impuestos que todos pagamos y no solamente de los productores. Lo único que a la larga se consigue es que se produzcan menos animales en invierno y que se agrave el problema que se pretende solucionar", reconoció.

En el marco de lo que fue su discurso de cierre del Concurso de Novillos 2010, el ruralista hizo una férrea defensa de la exportación de ganado en pie. "En los últimos 10 años dicha exportación significó el 3% del total de la extracción", dijo frenando las críticas de los detractores de esta herramienta.

"Hoy, por razones de escasez de oferta, algunos frigoríficos están enviando operarios al seguro de paro. Somos conscientes de la angustia que provoca la incertidumbre de perder el empleo, no somos insensibles a esa realidad. Pero no dejemos que el árbol nos impida ver el monte", advirtió Lussich.

Es que el gremio de los trabajadores de la industria frigorífica había hecho notar que la salida de ganado en pie, en parte, había provocado que se profundizara el envío de trabajadores al Seguro de Paro. Por eso, Lussich advirtió: "de una medida equivocada, tomada de apuro, (como sería la prohibición total o parcial de la exportación de ganado en pie), para solucionar una situación coyuntural, nos vamos arrepentir en el futuro"...

El ruralista no pasó por alto que "los ciclos de producción animal son largos y complejos, por lo tanto las políticas que los vinculan, deben necesariamente tener estabilidad". En cuanto a la política cárnica que impulsa el país, el presidente de la Asociación Rural consideró que "es correcta", porque "es buena para los productores pero también para los frigoríficos. Demanda más mano de obra en la industria y también en el campo, detalle que suele olvidarse cuando se tratan estos temas a la ligera". Lussich consideró que "una política es buena cuando le sirve a todos los sectores involucrados y además genera más trabajo".

Aunque hoy las circunstancias no son favorables, estimó que "de la sequía del 2008-2009 hemos pasado a un 2010 con un exceso de lluvias, que ha retardado la terminación de los ganados", se mostró convencido de que, "cuando el clima se normalice volveremos a tener la oferta necesaria y se faenará igual o más que el año pasado". Para Lussich, "todos deberíamos tener claro que el camino del progreso es hacia adelante, nunca hacia atrás".

UNIDOS. En cuanto al mercado internacional de carnes, el orador consideró que "está bien", más allá de las fluctuaciones lógicas. Por eso le pidió al gobierno que continúe trabajando para destrabar sanitariamente más mercados donde se pueda colocar más carne uruguaya.

"El gobierno deberá seguir trabajando para tener más y mejor acceso a los mercados. Y los privados, llevando adelante los negocios en aquellos mercados que resulten más convenientes", admitió el ruralista.

Pero desde la óptica de Lussich ambos sectores no pueden recorrer el camino solos y por separado, sino siempre unidos.

"Sigamos el ejemplo de trabajo en equipo que nos dejó la selección de fútbol y trabajemos todos juntos detrás del objetivo común de exportar cada vez más para que los uruguayos vivamos cada vez mejor".

No pasó por alto "el excelente trabajo que está haciendo el Instituto Nacional de Carnes en la promoción de la carne uruguaya". En ese sentido, opinó que "se trabaja bien en los mercados tradicionales con presencia en las ferias, como SIAL o ANUGA, sin descuidar otras que aparecen como importantes. Me gustaría destacar especialmente el trabajo que se lleva adelante en dos mercados, el de Rusia, desde hace ya algún tiempo y últimamente el mercado Chino".

En el primero de los casos, en lo que va del 2010, es el principal destino de las exportaciones de carnes uruguayas, con cerca de un tercio del total de toneladas exportadas. "Buen resultado dio la apuesta de tener presencia en un mercado que, tal como se había analizado, tenía un futuro interesante", reconoció el presidente de ARU.

También se refirió al mercado chino, donde Uruguay ahora pone todo su esfuerzo en poder explotar más el nicho de carne con hueso, porque hasta ahora, por más que está habilitado para entrar con este producto, ingresa con cortes desosados y menudencias.

"En China se está trabajando de manera importante con presencia en la Feria de Shanghai y actualmente además con un restorán que promociona nuestras carnes, las hace conocer y así se va entrando en un país, con características distintas, que lo hacen más complicado para tener una corriente fluida, pero nadie puede dudar del potencial de un mercado de ese tamaño".

Convencido de que el trabajo de INAC va por buen camino, el orador admitió que, "si bien todo es mejorable", la ARU "está conforme con el trabajo del INAC y de su Junta Directiva y estamos además convencidos de que las cosas que andan bien se tocan lo menos posible".



Tras las palabras de Lussich, habló Martín Secco y luego se procedió a la entrega de premios, extrañando la ausencia de la palabra de representantes del Poder Ejecutivo como sucedió en los últimos años.

### **Vender en pie a Brasil no resulta atractivo**

Observa 18/08/2010 Actualmente los números no acompañan para hacer un negocio fluido con Río Grande del Sur, dijo el consignatario Pablo Valdez, integrante de la firma Valdez y Cía. .

El consignatario Pablo Valdez, integrante de la firma Valdez y Cía., dijo que actualmente los números no acompañan para hacer un negocio fluido con Río Grande del Sur por una cuestión de precios y gastos de importación del lado brasileño. "A principios de este año se hicieron algunos lotes, pero ahora no es conveniente. De todas formas es una válvula que regula el mercado y que en algún momento puede ser de ayuda", dijo.

En cuanto a Medio Oriente dijo que se está comprando novillos de hasta cuatro dientes pero en forma "muy tranquila" y sin afectar el mercado porque el negocio tiene topes de precios y, además, el volumen no es muy importante.

A nivel local sostuvo que la operativa de venta de ganado está fluida y en consonancia con la oferta disponible de ganado gordo.

En materia de precios sostuvo que la referencia para el novillo está en el eje de los US\$ 3,10 a US\$ 3,15 y para la vaca entre US\$ 2,90 y US\$ 2,95.

"El futuro de los precios dependerá de la decisión de la industria de corregir la faena. De seguir con una faena como la actual tenderá a estabilizarse, y con una faena superior podrían estar un poco más firme", señaló.

En cuanto a la oferta de ganado de reposición dijo que si bien hay una disponibilidad más interesante sigue siendo muy pequeña y no ha colmado la demanda existente. "Los ganados están muy livianos y los productores esperan que tomen un mejor estado para hacer las ventas más zafrales", sostuvo.

### **UE muestra un leve repunte de los precios. Importadores tienen interés en comprar, pero falta mercadería**

El País Digital 20/08/10 El mercado de la Unión Europea comenzó a repuntar lentamente y hay interés por importar ciertos cortes. Los últimos negocios de referencia para el sistema de cortes bovinos que conforman el Hilton, se ubican en el entorno de US\$ 12.300 por tonelada FOB, según confirmó a El País el broker uruguayo Alejandro Berruti.

Pese al leve repunte de los precios, los frigoríficos uruguayos se niegan a ofertar, no sólo porque dicen que los números no cierran, sino también porque no tienen la materia prima necesaria para poder cumplir con los negocios que pacten.

La Unión Europea es el segundo mercado en importancia para la carne bovina uruguaya. Según los datos estadísticos del Instituto Nacional de Carnes (INAC), hasta el pasado 14 de agosto se colocaron en este mercado 49.444 toneladas (peso canal), cuando a igual fecha del año anterior se habían volcado 63.586 toneladas (peso canal).

Con las señales de repunte que está dando el mercado, el frigorífico Breeders & Packer Meat Uruguay (BPU) está intentando retomar sus negocios de cortes con las marcas Angus y Hereford.

"Los negocios siguen muy quietos pero el mercado está queriéndose recuperar en las últimas dos semanas", analizó Roberto Palma, presidente de la compañía que lidera el inglés Terry Johnson.

La empresa venía volcando cortes Angus y Hereford en importantes cadenas de supermercados de Italia y el Reino Unido. En Italia venía colocando un contenedor y medio de carne Angus y medio contenedor de Hereford en el Reino Unido. Para este grupo cárnico, Italia sigue siendo el mercado prioritario, según confirmó Palma a El País.

Mientras tanto, el Reino Unido aún no volvió a comprar estos cortes tras la crisis económica que sacudió al continente europeo y aún se notan en este mercado algunas secuelas del problema. Para Palma, los negocios van a irse retomando lentamente hasta llegar a los niveles que tenían a principio de año, donde la colocación de contenedores de carne uruguaya con marca era muy fluida.

### **Preparan auditoría cárnica de Chile Técnicos llegarían este mes para renovar permisos**

El País Digital 17/08/10 El Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca prepara la misión sanitaria de Chile para renovar la habilitación de frigoríficos uruguayos dedicados a exportar carne bovina enfriada y congelada. Los auditores chilenos llegarán este mes y no sólo revisarán las plantas, sino también el programa de



certificación de la carne que aplica Uruguay. Chile es uno de los mercados más exigentes en cuanto a calidad y lleva, básicamente cortes de animales jóvenes.

## **PARAGUAY**

### **Importante crecimiento de las exportaciones de carnes bovinas: alcanzaron 100 mil toneladas por 395 millones de dólares, 18 y 50 por ciento más que entre enero – julio de 2009**

ABC- 18/08/10 La venta de carne al exterior supera los 535 millones de dólares al 31 de julio de 2010, según datos oficiales del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa), por un total de 172.000 toneladas de productos y subproductos de origen animal exportados.

De acuerdo a los datos, desde el 1 de enero y hasta el 31 de julio de este año, Paraguay exportó 100.537.910 kilos de carne vacuna, que representaron un ingreso de 395.470.780 dólares americanos.

La menudencia vacuna, en el mismo lapso, alcanzó un récord de 10.560.186 kilos de exportación, con un ingreso de 19.820.153 dólares americanos.

El presidente del Senacsa, doctor Daniel Rojas, resaltó especialmente el marcado contraste entre lo exportado y los ingresos tanto del 2009 como del 2010, y en ese sentido sostuvo que la cantidad en volumen no ha sido sustancialmente superior como sí lo han sido los precios motivadas por el alza de la cotización de nuestra carne. “Hay que tener en cuenta que no ha aumentado mucho el hato bovino ni el nivel de animales destinados a la exportación, sino el buen precio que se paga en el mercado internacional”, expresó el doctor Rojas.

De acuerdo a los índices, el volumen de carne exportado este año es un 18% más que lo vendido el año pasado en el mismo periodo. Sin embargo, los ingresos han aumentado nada menos que un 49,50%, lo que demuestra un sensible incremento en el precio de la carne paraguaya a nivel internacional.

Los principales mercados de nuestra carne por ingresos obtenidos son Chile, Rusia, Venezuela, Vietnam e Israel. Sin embargo, la carne paraguaya se vende actualmente a 50 mercados diferentes de todo el mundo. Las estimaciones de exportación para el cierre del año son de unos US\$ 800 millones.

### **Campaña antiaftosa llega al 50%, informa el Senacsa. Segundo período de vacunación se desarrolla normalmente**

17 de Agosto de 2010 El segundo periodo de vacunación antiaftosa se está desarrollando normalmente, y hasta ahora ya se han inmunizado aproximadamente 50% del rebaño nacional, según la Asociación Coordinadora Nacional de Salud Animal (Aconasa).

El presidente del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa), doctor Daniel Rojas, informó que el proceso de vacunación del segundo periodo correspondiente a este año se encuentra en una etapa de inmunización del 50% del rebaño bovino y bubalino de todo el país, según datos proporcionados por la Asociación Coordinadora Nacional de Salud Animal (Aconasa).

Esto quiere decir que alrededor de 6 millones de cabezas ya fueron vacunadas a nivel nacional. No obstante, Rojas aclaró que el registro oficial de vacunación está entre el 26 y 27%, es decir, unos 3.127.000 vacunos, teniendo en cuenta que el asentamiento de datos se demora más que la vacunación efectiva de los animales.

Cabe mencionar que el primer periodo de vacunación contra la fiebre aftosa, que culminó el 17 de marzo pasado, arrojó un total de 12.239.976 animales vacunados. El doctor Rojas instó a todos los productores del país a dar cumplimiento al Programa Nacional de Erradicación de la Fiebre Aftosa, dando vital importancia y prioridad nacional a la prevención de la referida enfermedad, que constituye una acción esencial de la institución y las garantías para la comercialización de nuestra carne en el exterior.

Por su parte, el presidente de la Asociación Rural del Paraguay, Juan Néstor Núñez, destacó la importancia de la vacunación en la Zona de Alta Vigilancia, que es la zona de frontera con Argentina y Brasil, ya que en breve será presentado el informe a la Organización Mundial de Salud Animal para pedir la liberación de esta zona y el mejoramiento del estatus sanitario.

### **Paraguay figura entre países más carnívoros: 32 kg/ capita**

ABC-16 de Agosto de 2010 Los uruguayos son actualmente los mayores consumidores mundiales de carne vacuna, con 58,2 kilogramos por persona por año, informaron ayer fuentes oficiales, según el reporte enviado por la agencia EFE, desde Montevideo.



“La tendencia se mantiene en alza en los últimos años y para el 2010 esperamos una suba en el consumo por persona próxima al 6 por ciento”, destacó el presidente del Instituto Nacional de Carnes (INAC), Alfredo Fratti.

Hasta hace poco tiempo Argentina tenía el primer lugar en el consumo de carne vacuna con cerca de 60 kilos, pero en los últimos años bajó y en la actualidad ronda los 55 kilos por persona y por año, destacó el presidente de INAC. Uruguay es un país ganadero, sus exportaciones de carne son el principal generador de divisas y existen en la actualidad 11.000.000 de cabezas de ganado vacuno, casi cuatro animales por cada habitante. Otros países donde el consumo de carne vacuna es “importante” son Estados Unidos, con 43 kilogramos por persona y por año, Australia (39), Brasil (36), que es el principal exportador mundial en volumen, Paraguay (32) y Nueva Zelanda (26).

## **ESTADOS UNIDOS**

### **El USDA disminuye pronóstico de producción de carne bovina pero incrementó sus estimaciones para exportaciones e importaciones**

Por Rita Jane Gabbett en 8/16/2010 El Departamento de Agricultura de EE.UU. (USDA, por sus siglas en inglés) redujo ligeramente el pronóstico de producción de carne para el 2010 y 2011 del que tenía hace un mes, aunque dejó el precio prácticamente sin cambio en su último reporte de Estimados de Oferta y Demanda Agrícolas.

El USDA redujo el pronóstico de producción de carne bovina para 2010 debido a que se estima un resultado ligeramente menor para el segundo trimestre y también a que se esperan menores pesos de canales en el tercer trimestre.

Para el 2011, la producción de carne bovina permaneció sin cambio aunque sí hubo modificaciones entre trimestres, ya que se espera que se comercialice más ganado en la primer parte del año. Las importaciones de este tipo de carne se incrementaron para 2010 dados el ritmo actual de las mismas y el debilitamiento de la faena doméstica de vacas.

La producción de carne de cerdo a finales del año 2010 y del año 2011 se redujo debido a que se esperan menores importaciones de animales vivos desde Canadá.

Por otra parte, el pronóstico de producción de carne de pollo y pavo para el 2010 reflejó un ligero incremento para el segundo trimestre. El USDA decidió dejar sin cambios la producción de carne de ave para el resto del año 2010 y para el año 2011.

Por último, el USDA incrementó sus pronósticos de exportación de carne bovina, porcina y de pollo basándose en parte en fuertes envíos recientes. Se espera una demanda mayor de algunos mercados que soportará el incremento de las exportaciones por el resto de este año e incluso del siguiente.

### **Ganaderos australianos denuncian que ingresan carnes bovinas desde los Estados Unidos pese a estar prohibidas por la BSE**

18 Aug, 2010 A COALITION of cattle producers and consumer advocates has accused the United States of exporting beef to Australia despite a ban due to bovine spongiform encephalopathy, or mad cow disease.

US Department of Agriculture figures show that beef - including live cattle, carcasses, whole cuts and processed meat - has been exported to Australia throughout the ban, which began in 2003 after an outbreak of mad cow disease in the US.

"I nearly fell off my chair when I saw all this [beef] coming in to Australia," said John Carter, of the Australian Beef Association, an independent lobby group.

Mr Carter took the information to a Senate inquiry into foreign beef imports and was later told by the Department of Agriculture that the figures were a "mistake".

"[The US government] just happens to have been making mistakes on three websites every month for the past 10 years."

A US government official said the beef export data largely comprised meat produced in non-BSE countries that had either been processed in US factories or shipped to Australia via the US.

"US Customs isn't asking the question if it's someone else's beef," said Grant Pettrie, agricultural counsellor at the US embassy in Canberra. "Our export data doesn't always 100 per cent reflect what has arrived in the country."

The federal Department of Agriculture said it had not issued any import permits for fresh or frozen US beef since 2003.



But consumer health advocates are worried Australian beef sent to the US for processing could become contaminated.

"We have a situation where the Australian Red Cross won't allow people who lived in the UK during [mad cow outbreak] to donate blood - it is very similar to the cross-contamination issue," said Vida Thomson, a campaigner opposed to the beef ban being relaxed.

"There's an awful lot of gaps in this 'reassurance process'. Where is the evidence, where is the paperwork?"

Mr Pettrie said shipments could not leave the US without being certified by a government inspector to the standards of the recipient country.

A Department of Agriculture spokeswoman said it was confident "stringent certification process" protected Australian beef in the US against contamination.

Australia was set to lift the ban in February but the Minister for Agriculture, Tony Burke, abandoned the plan in favour of a two-year risk assessment study.

### **Vacas en miniatura ganan terreno , Estos animales generan menos gas metano que uno tradicional, producen gran cantidad de carne y de muy buena calidad.**

Emol Online, 17/08/2010 COVINGTON.- Se han convertido en la última moda en las granjas estadounidenses y se estima que ya hay más de 20.000. Las vacas en miniatura presentan características idénticas a las tradicionales, pero con la única particularidad que no llegan a pesar más de 300 kilos. Existen cerca de 26 razas de minivacas, las más altas miden un poco más de un metro y las más pequeñas apenas superan los 80 centímetros.

"Cuando comencé a probar con estos animales en miniatura, todo el mundo pensó que estaba loco", cuenta a la BBC el profesor y granjero Richard Gradwohl , quien en su centro de investigación desarrolló 18 de estas 26 variedades. El granjero explicó que luego de largas investigaciones descubrió que estos animales producen mucho menos metano, el cual es uno de los gases efecto invernadero que contribuyen al cambio climático.

Otra de sus cualidades, es que en la relación gasto-producción estos animales producen gran cantidad de carne, por lo que el rendimiento por hectárea de terreno es superior al de una vaca tradicional. En lo que se refiere a la producción lechera también se alcanzan buenos niveles ya que llegan a producir 7,5 litros por día.

"Cuando una vaca de 450 kilos va al matadero pierde cerca del 40% en huesos, cabeza y órganos internos. Queda entonces un animal de 270 kilos. Cuando la conviertes en carne comestible pierdes otro 20% y, finalmente, terminas con algo así como 216 kilos", explicó Gradwohl a la BBC. El granjero agregó que "en un animal pequeño se pierde mucho menos. Si la vaca pesa unos 270 kilos, cuando va al matadero en vez de perder el 40%, pierde el 30% y cuando conviertes lo que queda en carne comestible, en vez del 20%, pierdes el 15%. Entonces, un animal pequeño puede producir hasta 160 kilos de carne comestible".

En cuanto al sabor el experto argumenta que este tipo de carne es mucho más sabrosa, ya que el gusto está asociado a la longitud de los músculos.

## **VARIOS**

### **NUEVA ZELANDIA: sus exportaciones de carnes bovinas aumentaron un 2 por ciento en comparación a julio del año pasado. Estados Unidos sigue siendo el principal mercado y también se aprecia una mayor demanda desde los destinos asiáticos.**

19/08/2010] As exportações de carne bovina da Nova Zelândia em julho aumentaram em 2% com relação ao ano anterior, para 28.566 toneladas, apoiadas pela forte demanda no Sudeste da Ásia, Japão e Coreia. O maior mercado de carne bovina da Nova Zelândia, os Estados Unidos, foi o menos atrativo para os exportadores neozelandeses, caindo em 12%, para 10.107 toneladas, apesar da firme demanda e dos preços altos fora de época da carne bovina importada nesse mercado.

As exportações totais de carne bovina para o ano até julho aumentaram em 2%, para 260.797 toneladas.

A forte demanda na Indonésia por carne bovina congelada continuou em julho, à medida que o Ramadã se aproximava, pressionando as exportações ao Sudeste da Ásia, que aumentaram em 46% com relação ao ano anterior, para 5.213 toneladas. As exportações de carne bovina ao Japão aumentaram em 40% com relação a julho anterior, para 3.269 toneladas, enquanto as compras da Coreia do Sul aumentaram em 24%, para 3.440 toneladas, à medida que a demanda dos consumidores permaneceu firme.

A reportagem é do Meat and Livestock Australia (MLA), traduzida e adaptada pela Equipe BeefPoint.



### **AFTOSA. confirman un foco en SUDÁFRICA**

August 18, 2010 SOUTH AFRICA - An outbreak of foot and mouth disease has occurred in South Africa's cattle herd, according to the World Organisation for Animal Health (OIE).

The South African veterinary authorities sent an immediate notification to the OIE yesterday, 17 August.

According to the report, 19 cases were identified while 80 animals showed signs of susceptibility to the disease. The outbreak took place at a farm in the province of Limpopo on 13 August.

The cause of the outbreak remains inconclusive. The detection of an outbreak FMD in the FMD Protection Zone of South Africa does not affect the FMD free status of South Africa as recognised by the OIE and thus does not affect the export status of the country.

### **AUSTRALIA: las restricciones a la importación impuestas por las autoridades indonesias han tenido escaso impacto**

August 17, 2010 AUSTRALIA - Thousands of top end cattle aren't flooding into Central Australia as predicted, following Indonesia's weight restrictions on live exports, however this isn't necessarily a bad thing.

The Roe Creek cattle yards in Alice Springs have cattle numbers only slightly up on this time last year and few have come from up north, reports ABC Rural.

Manager Steve Turner says there is little pressure on the local market, and many stations are holding onto their cattle due to the region's good pasture.

"It makes it a lot easier if you don't have to worry about getting your cattle off and they're getting fatter every day," he says.

"And coming out of the dry seasons that we've had, it's held the stations up from mustering. A lot of the places just haven't started work yet."

And in a twist to what's been reported further east and in the Northern Territory, the stock squad police officer who inspects cattle at the port of Karumba in Queensland says he's seeing more cattle head onto boats.

When the Indonesian Government enforced a 350-kilo weight limit on cattle exported into the country, graziers had to think twice about where to send their livestock.

There have been reports of fewer cattle being exported, but detective sergeant Bob Guteridge, from the Cloncurry stock squad in north-west Queensland, says he's seeing the complete opposite.

"So far we're at boat number eight for the year and that was the same as for the entire 12 months last year," he says.

"I think it's obviously a combination of many things.

"The number of cattle on the ground up there and the buoyant market; the prices are there for those specific weight cattle and there just seems to be an operation that's really melding and coming together well."

### **NICARAGUA consigue una cuota de exportación de 10 mil toneladas de carne de vacuno hacia RUSIA a través de un acuerdo privado**

Eurocarne Digital, 19/08/2010 Los ganaderos nicaragüenses podrían comenzar a exportar carne a Rusia en el corto plazo, en virtud de un acuerdo que suscrito por un grupo de empresarios rusos que se encuentran de visita en el país centroamericano.

Según Onel Pérez, presidente de la Cámara Nicaragüense de la Carne, el alto nivel de importación de carne en Rusia, facilitaría la necesidad de que importe carne de Nicaragua, cifrándose la cantidad del acuerdo en cerca de 10.000 t.

La comitiva rusa estuvo encabezada por la gerente general de la empresa cárnica de Kromexpo-Nluderada, Zara Tolstenkova, que llegó la semana pasada a Nicaragua para certificar cuatro mataderos nicaragüenses.

### **CUBA una mejora en los precios y menores trabas burocráticas han provocado un incremento en la producción de carnes bovinas**

August 19, 2010- Government measures to boost the production of beef, which included a substantial increase in purchasing prices from private farmers, have translated in a steady growth in the first six months of 2010.

The latest report from the National Office of Statistics (ONE) showed a steep increase in the amount of cattle cooperatives sold to the government, jumping almost 50 per cent, representing 3,842 tons of beef, reports The Cuba News Agency.



This didn't affect milk production which also grew to over 215 million liters in this period, with the government sector's output standing for 15 per cent. Despite last year's drought and the lack of cattle feed due to the reduction of imports, a four percent growth was achieved.

Cooperative Manager Leticia Mendez, from Havana city, explained that the prices have been increased twice in the last couple of years to close to 10 pesos for a kilogram of first quality beef that is paid directly to the farmer, and another 10 per cent is paid to the cooperative common account.

"Better prices did help our associates to start putting more efforts into fattening their cattle" Mr Mendez said. "Previously the relation cost-profits were not attractive for them."

Also, the gap between the moment you decide to sell cattle to the moment you received your payment, was annoying for many.

"Before, whenever a rancher wanted to sell a cow, we had to contact the cattle raising company nearby, and then they would make an agreement with the slaughterhouse. The process took time, and on top of that there was a service fee for that company," she said.

In order to speed up that process the government allowed cooperatives to deal directly with slaughterhouses.

"I told the associates that they should let me know in advance when they wanted to send some cattle to the slaughterhouse, in order for me to arrange transportation," she explained and added "when some of them placed their order, we hired a truck and took some 30 cows and oxen over there."

## **INDIA Pronóstico prevé un aumento en la producción de carnes bovinas y aves en los años 2013-14**

TheCattleSite News Desk August 19, 2010 - Beef and poultry production in India is expected to increase by 29 per cent and 41 per cent respectively up to the 2013-2014 fiscal year due to increased demand from higher incomes and prevalence of western style restaurants, says the latest edition of India Agribusiness Report.

It said over the last five-year forecast period, production across all agricultural subsectors will be positive, spurred by increased demand, foreign direct investment.

Dairy and livestock will also benefit from improved technology adoption, which could set a strong example and produce a model for other subsectors to follow. Because of marketing schemes targeted at the general population and generally greater demand for high-value dairy products such as yoghurt and cottage cheese, butter and milk production is expected to grow by 38 per cent and 26 per cent respectively to 2013/14.

## **EMPRESAS DEL EXTERIOR**

### **Marfrig: ganancias se reducen en el segundo trimestre de 2010. Aumenta la faena del grupo**

17/08/2010] O frigorífico Marfrig divulgou nesta segunda-feira (16) um lucro líquido de R\$ 127,4 milhões no segundo trimestre deste ano. A cifra é 68,5% inferior quando comparada aos R\$ 405 milhões vistos um ano antes. No entanto, a companhia lembra que o desempenho do segundo trimestre de 2009 foi influenciado por ganhos de R\$ 502,6 milhões decorrentes do impacto da variação cambial sobre o resultado financeiro.

A receita líquida do Marfrig foi de R\$ 3,558 bilhões entre abril e junho, crescendo 48% quando comparada ao segundo trimestre de 2009 (R\$ 2,404 bilhões).

Em relação às exportações, a Europa continuou sendo o principal destino dos produtos do Marfrig, representando 38,9% da receita de exportação do grupo. A região é seguida pelo Oriente Médio, com 18,2%, e Ásia, com 17%.

No segundo trimestre, o Custo dos Produtos Vendidos (CPV) foi de R\$ 2,926 bilhões, representando um crescimento de 40,7% se comparado com igual período do ano anterior (R\$ 2,079 bilhões). "Esse crescimento explica-se pelo aumento dos custos da matéria-prima (bovinos), pelo aumento na utilização da capacidade nas plantas de bovinos no Brasil e pelo crescimento orgânico da companhia no período", informou a empresa.

O Ebitda (lucro antes dos juros, impostos, depreciações e amortizações) consolidado do Marfrig atingiu R\$ 286,3 milhões, superior em 56,1% se comparado com os R\$ 183,4 milhões registrados no segundo trimestre de 2009, mas 29,7% inferior em relação aos R\$ 406,9 milhões vistos nos três primeiros meses deste ano.

O balanço também mostra que a dívida líquida da Marfrig cresceu 9% em três meses, chegando a R\$ 4,613 bilhões em junho, o equivalente a 3,96 vezes a geração de caixa em um ano.

Marfrig: abates cresceram 14,6% no 2 tri

[18/08/2010] A Marfrig Alimentos, cujo lucro líquido caiu 68,5% no segundo trimestre deste ano, fechou o período com o nível mais elevado de utilização da capacidade de abate de bovinos no Brasil no passado



recente. De acordo com o diretor de operações, James Cruden, apesar da oferta apertada de animais para abate, por causa da entressafra "rigorosa", a empresa tem conseguido adquirir gado. "São os níveis mais altos já registrados", disse Cruden, durante teleconferência com analistas sobre o balanço.

No segundo trimestre, a Marfrig abateu 621,4 mil bovinos, 14,6% mais do que no primeiro trimestre. Consideradas todas as plantas em operação, a utilização de capacidade foi de 61,2%. A meta, segundo Cruden, é atingir 70% em 60 a 90 dias, apesar da oferta apertada, que eleva os preços do boi e limita operações.

O aumento da utilização será possível com a operação de fábricas que ainda estavam fechadas no trimestre passado. Segundo a Marfrig, houve atraso na abertura de seis plantas de abate (arrendadas em 2009) por conta, entre outras razões, de reforma, adequação e contratação de funcionários. As plantas têm capacidade de abate 6 mil animais por dia.

No total, a receita bruta da Marfrig somou R\$ 3,770 bilhões no trimestre, 46,6% mais do que em igual período de 2009. Desse total, R\$ 2,140 bilhões foram vendas no mercado doméstico. Conforme a empresa, o cenário foi favorável para o segmento, por causa da maior demanda doméstica. Também houve crescimento no exterior. De acordo com Ricardo Florence, diretor de planejamento e relações com investidores da Marfrig, houve aumento nas vendas para a Europa, que respondeu por 38,9% da receita com as exportações. "Teria sido melhor se não tivesse havido falta de embarcações", ponderou.

Investimentos em marketing nas marcas Seara, Moy Park e Pemmican elevaram as despesas comerciais da Marfrig. Já o maior custo dos bovinos e o aumento na utilização das plantas no Brasil fizeram o custo de produtos vendidos da Marfrig subir 40,7% em relação ao segundo trimestre de 2009.

Marcos Molina, presidente da Marfrig, disse que, após a compra da americana Keystone, em junho, o desafio da empresa brasileira agora é fazer a integração dos negócios e buscar sinergias e eficiência maior nas operações do grupo.

A matéria é de Alda do Amaral Rocha, publicada no Valor Econômico, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

## **JBS informa y comenta sus resultados en el 2º trimestre de 2010. Recalcan un importante crecimiento en los Estados Unidos**

[16/08/2010] A JBS, maior produtora de carne bovina do mundo, informou nesta sexta-feira que teve lucro líquido de apenas R\$ 3,7 milhões no 2º trimestre de 2010, 97,1% a menos do que em igual intervalo de 2009. "A demanda por capital de giro, bem como o impacto da volatilidade cambial durante o trimestre, foram as principais causas desse recuo do nosso lucro", disse a empresa.

No mesmo período do ano passado, quando a JBS ainda não contava com as operações de Bertin e Pilgrim's Pride, adquiridas somente no final de 2009, a empresa teve lucro de R\$ 125,9 milhões, informou a companhia, em relatório que pode ser acesso logo abaixo.

O Ebitda (sigla em inglês para lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) no período ficou em R\$ 1 bilhão, uma alta de 163,3% em relação ao obtido em igual trimestre de 2009. A margem Ebitda subiu de 4,1% para 7,1%.

Na comparação anual, a receita operacional líquida da JBS cresceu 52,5%, para R\$ 14,1 bilhões. Segundo a empresa, o aumento refletiu o aumento geral nos preços de venda, condições de mercado favoráveis e crescimento na base de clientes.

"Esperamos que os volumes e os preços continuem fortes no segundo semestre, especialmente a partir dos EUA, à medida que o comércio internacional tende a se normalizar", ressaltou o presidente-executivo da JBS, Joesley Mendonça Batista. No relatório de divulgação dos resultados, a companhia informou também que não incorporou os números da Inalca nesse trimestre, devido a discordâncias com o sócio no negócio, a Cremonini.

JBS espera crescer nos EUA

[17/08/2010] Segundo dados reportados ontem durante a Teleconferência para divulgação dos resultados do 2º trimestre da JBS, a empresa respondeu por 50% das exportações de carne bovina do Brasil no período. Uma participação que limita crescimento dessa fatia no futuro, e prevê maiores possibilidades de avanço nos Estados Unidos, especialmente com sua unidade de frangos. A avaliação foi feita pelo presidente da JBS, Joesley Mendonça Batista.

"No Brasil chegamos a 50% no market share. Saímos de 37% para 50%. Nos EUA, tem bastante ainda a aumentar. A Pilgrim's (Pride) tem um forte plano de retomada, a gente já anunciou a reabertura de três plantas, temos mais duas para serem reabertas", declarou.



Para o segundo semestre, Batista disse que, no geral, a empresa prevê exportar um "pouco mais" que no primeiro semestre. Com um crescimento de 37% nas exportações no segundo trimestre ante o período anterior, os resultados financeiros do JBS foram impactados negativamente pela elevada demanda de capital de giro atrelada às vendas externas, além da volatilidade cambial. As exportações do JBS responderam por 29% da receita total da companhia, de R\$ 14 bilhões no segundo trimestre.

O presidente do JBS USA, Wesley Batista, destacou a força das operações norte-americanas, com a retomada de mercados importantes, como a Coreia do Sul. "A gente acha que o crescimento da demanda não necessariamente vai estar nos EUA ou Europa, vai estar na Rússia, no Oriente Médio. O crescimento de exportação vai continuar, a gente verá volumes maiores trimestre contra trimestre."

A empresa anunciou ainda já ter capturado sinergias importantes após as aquisições no ano passado da Bertin e Pilgrim's, estimadas em R\$ 154 milhões e US\$ 150 milhões, respectivamente.

Joesley afirmou que na medida em que o mercado se acalma a empresa começa a analisar novas negociações para expandir a sua plataforma global de distribuição direta, uma meta da empresa para ganhar margens nos negócios. Mas, sobre aquisições de porte, o presidente do JBS afirmou que a companhia não está em nenhum processo de negociação. "Caso o mercado venha a ver aquisição relevante, vai ser onde já operamos. Nosso foco tem sido realmente consolidar o que temos e não pretendemos iniciar em outra plataforma."

Sobre as discordâncias com o sócio da Inalca, na Itália, Joesley afirmou que o JBS não está conseguindo exercer o seu direito de ter acesso às finanças da empresa. "Eles (sócios) têm direito de indicar o CEO, e nós o CFO, o financeiro seria conosco, contabilidade, auditoria interna. Mas o grande problema lá é que eles não deixam o cara trabalhar...", afirmou. "Por cautela decidimos não incorporar no balanço os resultados da Inalca, não aprovamos o balanço do trimestre passado, e não vamos aprovar nada enquanto não deixarem a gente olhar a contabilidade."

As informações são da Folha Online, resumidas e adaptadas pela Equipe BeefPoint.

### **JBS reduce la plantilla en sus plantas paulistas**

20/08/2010] O JBS demitiu cem funcionários da unidade de Barretos/SP semana passada. Os cortes se somam a outros 167 feitos em Lins/SP (100) e Andradina/SP (67), segundo informações de sindicatos de trabalhadores dos três municípios.

Segundo o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação de Barretos e Região. A unidade tinha cerca de 2.300 trabalhadores antes das demissões. O JBS, um dos principais beneficiados pela política do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) de criar multinacionais brasileiras, ainda não deu explicação aos funcionários.

Segundo o presidente do sindicato trabalhista, Luiz Carlos Anastácio, o abate na unidade não sofreu alteração nos últimos meses. "Estão abatendo 700, 800 cabeças, antes eram 1.400", disse o diretor do sindicato trabalhista em Andradina, Milton Artur. Em Lins, os cortes são atribuídos pela presidente do sindicato dos trabalhadores, Dulce Elena Ferreira, ao período de entressafra.

As demissões informadas pelos sindicatos abrangem só funcionários com mais de um ano de trabalho. Em casos como esses, cabe ao sindicato fazer a rescisão trabalhista. Por isso, o número de excluídos dos quadros da empresa pode ser maior, de acordo com Ferreira.

Frigorífico Minuano

Trabalhadores do Frigorífico Minuano, de Passo Fundo, também foram demitidos, segundo o Sindicato dos Trabalhadores da Alimentação na região.

Os 400 funcionários entraram em férias coletivas em junho e foram desligados ao retornar nesta semana. Conforme a direção, 75 pessoas foram demitidas. Os demais funcionários continuam em casa, recebendo salários.

As informações são da Folha de S.Paulo e do Zero Hora, resumidas e adaptadas pela Equipe BeefPoint.

### **JBS podría vender su participación en Inalca**

[20/08/2010] A JBS divulgou comunicado ontem, na Itália, afirmando que está disposta a receber uma "oferta formal" de seu sócio italiano, o grupo Cremonini, por sua participação de 50% na Inalca JBS. O comunicado é uma resposta à divulgação feita pelo Cremonini de que está "considerando seriamente a hipótese de recomprar" a participação vendida para a JBS em dezembro de 2007, por € 225 milhões.

No fim do dia, em outra nota à imprensa, a JBS disse que trabalha com três hipóteses para resolver a disputa com o Cremonini: divisão dos ativos entre os sócios, recompra de sua participação pela Cremonini ou a



aquisição dos 50% do sócio italiano. "As alternativas só poderão ser concretizadas após a avaliação dos danos sofridos pela JBS e do entendimento do valor real da Inalca", diz a nota.

As duas empresas estão em uma disputa por causa da governança corporativa da Inalca, disse a Cremonini. No mês passado, a JBS entrou com medida cautelar na Justiça italiana contra a Cremonini, exatamente por problemas de governança corporativa. No início deste mês, a reclamação foi parar na Câmara de Comércio Internacional, em Paris (França).

A Cremonini afirma que a JBS violou pactos de não competição e diz que as ações na Justiça da companhia brasileira são uma manobra para não pagar 65 milhões à italiana. O pagamento ocorrerá se o lucro com as operações principais da Inalca superar 90 milhões neste ano.

As informações são do Valor Econômico e da Folha de S.Paulo, resumidas e adaptadas pela Equipe BeefPoint.

### **Minerva informou perdas por R\$ 17,5 milhões em el 2º trimestre de 2010**

18/08/2010] O Minerva publicou nesta segunda-feira um relatório com os resultados do 2º trimestre de 2010. Segundo a empresa o Registramos prejuízo líquido de R\$ 17,5 milhões no período, foi ocasionado pelo resultado negativo da variação cambial sobre a dívida denominada em dólares.

O Minerva ainda destacou que Receita Líquida foi recorde, R\$ 888,3 milhões no 2º trimestre de 2010, 38,5% superior à Receita do mesmo período do ano passado. Na comparação com o 1º trimestre desse ano o crescimento foi de 19%.

Os volumes exportados de carne in natura aumentaram 19,9% em relação ao mesmo período do ano anterior, e permaneceram estáveis em relação ao 1º trimestre de 2010, sendo que o market share das exportações de carne in natura foi de 19,7% em junho de 2010.

A diretoria da empresa ressaltou que encerrou o trimestre como referência do setor em utilização da capacidade atingindo 80%. "Inauguramos neste trimestre a unidade de Campina Verde/MG, iniciamos a fase pré-operacional de Rolim de Moura, e batemos o recorde de abates com 372 mil cabeças".

O EBITDA de R\$ 61,9 milhões no 2º trimestre de 10 foi 38,2% superior ao 2º trimestre de 2009 e 15,8% ao 1º trimestre de 2010. A companhia finalizou o 2º trimestre com R\$ 504,9 milhões em caixa. Aproximadamente 90% da dívida bruta está alocada no longo prazo, e a relação Dívida Líquida/EBITDA reduziu-se para 4,25x.

### **BRF espera um aumento de la demanda rusa de carnes**

18/08/2010] A Brasil Foods (BRF) acredita que haverá um aumento na demanda da Rússia por importações de alimentos como carnes após a forte seca que atingiu o país e que reduziu a produção de matérias-primas para a indústria de ração animal.

A forte seca que atingiu o país nas últimas semanas reduziu bastante a produção de grãos, principalmente trigo, e fará com que o país tenha dificuldade em manter os níveis de produção animal pela escassez de matérias-primas. "A Rússia vai demandar mais alimentos nesse ano. Eles precisam preparar o inverno agora com perspectiva de custo interno mais alto (de matéria-prima), então é possível que a demanda russa se fortaleça", afirmou o presidente executivo da Brasil Foods, José Antonio do Prado Fay, em teleconferência com analistas sobre os resultados do segundo trimestre.

A companhia, apesar de esperar por um aumento das compras da Rússia, também comentou o impacto que a seca no país e em outras partes do hemisfério norte pode provocar no custo dos grãos, e por consequência na ração animal. "Efeitos dessa situação podem gerar percalços de curto prazo nos custos, mas o impacto nos concorrentes será mais severo que no Brasil, já que a quebra maior é no trigo", afirmou o diretor financeiro Leopoldo Saboya. Em muitos países do hemisfério norte o trigo tem peso grande no mix para produção de ração, enquanto no Brasil é o milho o principal ingrediente.

A matéria é de Marcelo Teixeira, publicada no jornal O Estado de S.Paulo, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.